ARTE



CONQUISTA

SOLUÇÃO EDUCACIONAL POSITIVO

ENSINO FUNDAMENTAL

8º ANO – 3º VOLUME

EDITORA POSITIVO

Conquista – Solução Educacional Positivo
© texto: Arte: Maristher Motta Bello e Paulo César Motta Bello
© projeto gráfico: Vicente Design
© ilustração de abertura: DKD Estudio
© imagens de abertura de unidade: getty Images/Archives Photos/New York Times Co.
getty Images/Wirelmage/Jason Kahn
© ilustrações: DKD Estudio
Direitos de publicação © 2014 Editora Positivo Ltda.

Diretor-Superintendente	Ruben Formighieri
Diretor-Geral	Emerson Walter dos Santos
Diretora Comercial	Stela Maris Martins de Oliveira Macchini
Diretor Editorial	Joseph Razouk Junior
Gerente Editorial	Maria Elenice Costa Dantas
Gerente de Conteúdo	Julio Röcker Neto
Gerente de Arte e Iconografia	Cláudio Espósito Godoy
Supervisão Editorial	Cristina Kerscher
Edição de Conteúdo	Luciana Eastwood Rimagnoli
Edição de Texto	Emanuella Kalil
	Kathia Gavinho Paris
Supervisão de Arte	Karina Hollands
Analista de Arte	Alexandre Mascari Cezar
	Bianca Cecília Propst
Edição de Arte	Cassiano Darela
Editoração	Sinal Gráfico
Revisão	Sandra Regina de Souza (Coord.)
	Dalton Frank Silva
Pesquisa Iconográfica	Susan Rocha de Oliveira
Engenharia de Produto	Solange Szabelski Drieszz

PRODUÇÃO
Editora Positivo Ltda.
Rua Major Heitor Guimarães, 174 – Seminário
80440-120 – Curitiba – PR
Tel.: (0xx41) 3312-3600
Site: www.editorapositivo.com.br

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Gráfica e Editora Posigraf Ltda.
Rua Senador Accioly Filho, 500
81310-000 – Curitiba – PR
Tel.: (0xx41) 3212-5451
E-mail: posigraf@positivo.com.br
Impresso no Brasil
1 2 3 4 5 6 8 9 10 11 12

2014
Todos os direitos reservados à
Editora Positivo Ltda.

Dados Internacionais para Catalogação na Publicação (CIP)
(Maria Teresa A. Gonzati / CRB 9-1584 / Curitiba, PR, Brasil)

B446 Bello, Maristher Motta.
Conquista : Solução Educacional Positivo: arte, 8º ano / Maristher Motta Bello, Paulo César Motta Bello ; ilustrações DKD Estudio. – Curitiba : Positivo, 2014.
v. 3: il.

ISBN 978-85-385-8591-6 (Livro do aluno)
ISBN 978-85-385-8592-3 (Livro do professor)

1. Arte. 2. Ensino fundamental – Currículos. I. Bello, Paulo César Motta. II. DKD Estudio. III. Título.

CDU 372.8

EDITORA POSITIVO



Sumário

3. TENDÊNCIAS E INFLUÊNCIAS MODERNAS 4

Pop Art 5
- Roy Lichtenstein 8
- Escola Bauhaus 10
- Andy Warhol 13

Música popular brasileira 14
- Formação 15
- Modinha 16
- Lundu 16
- Maxixe 17
- Choro 17
- Teatro de revista 19
- O samba e o rádio 21
- Bossa Nova 27
- *Rock* e Jovem Guarda 28
- Tropicália 29

Arte urbana e cultura *hip-hop* 30
- *Graffiti* 31
- *Rap* 32
- *Break* 32



foto2 - acervo IOM



3. TENDÊNCIAS E INFLUÊNCIAS MODERNAS

Linha do tempo

Vamos relembrar o que estudamos até agora? Observe a linha do tempo.

DUCHAMP, Marcel. *Fonte*. 1917-1950. 1 ready-made (urinol invertido), 23,5 cm × 18 cm × 60 cm (altura). Museu da Filadélfia.

HAMILTON, Richard. *O que exatamente torna os lares de hoje tão diferentes, tão atraentes?* 1956. 1 colagem sobre papel, color., 26 cm × 25 cm. Kunsthalle, Tübingen

WARHOL, Andy. *Marilyn turquesa*. 1964. 1 serigrafia sobre tela: color., 101,6 cm × 101,6 cm. Coleção particular.

LICHTENSTEIN, Roy. *Estúdio de artista com modelo*. 1974. 1 óleo e magna sobre tela, color., 243,8 cm × 325,1 cm. Coleção particular.









Pop Art 1

Após os movimentos artísticos da primeira metade do século XX, como o Dadaísmo, o Surrealismo e o Expressionismo abstrato, a Pop Art surgiu nos anos de 1950 e ganhou projeção na década de 1960. Em oposição à arte erudita, buscava inspiração na cultura popular.

A Pop Art teve sua origem nos princípios dadaístas de Marcel Duchamp e no universo artístico dos Estados Unidos e da Inglaterra. O termo *pop* foi utilizado pela primeira vez pelo crítico inglês Lawrence Alloway, em 1954, ao se referir a artistas que utilizavam imagens, ícones e símbolos da **cultura de massa** em suas obras.



LICHTENSTEIN, Roy. *Moça com bola*. 1961. 1 óleo sobre tela: color.; 153,7 cm × 92,7 cm. Museu de Arte Moderna, Nova Iorque.

» **1954**: a Pop Art surgiu na Inglaterra, com artistas do The Independent Group. A colagem *O que exatamente torna os lares de hoje tão diferentes, tão atraentes?*, de Richard Hamilton, foi considerada a primeira obra *pop*.

» **1963**: nos Estados Unidos, aconteceram duas exposições de obras criadas com base em material publicitário e na mídia: *Arte 1963: novo vocabulário*, na Filadélfia, e *Os novos realistas*, em Nova Iorque.

No repertório expressivo dos artistas da Pop Art, há uma variedade de técnicas e materiais: colagem, serigrafia, tinta acrílica em cores intensas e vibrantes, etc. É comum imagens de produtos serem reproduzidas em estampas, como uma forma de chamar a atenção para o poder do consumo e da massificação – tornando-o "hiper-real". A obra *Lata grande de sopa Campbell*, de Andy Warhol, é uma das mais representativas dessa tendência.

Enquanto o alcance e a influência dos meios de comunicação massivos cresciam, os artistas se voltavam a temas do cotidiano das grandes cidades. Eles incorporaram recursos e símbolos da publicidade, das histórias em quadrinhos, da fotografia, do cinema e da televisão. Também se apropriaram de produtos de mercado e outros objetos de consumo banais. Com isso, fizeram com que elementos menos valorizados da cultura popular se elevassem à condição de arte.

A Pop Art transformou em ícones produtos como latas de alimentos, hambúrgueres e cédulas de dinheiro, fazendo uma crítica explícita ao consumismo exagerado e à **indústria cultural**. Fez o mesmo com personalidades do meio artístico, cultural, político e social. Entre essas celebridades, estavam Elvis Presley, Marilyn Monroe, Mick Jagger, além dos personagens Pato Donald, Super-Homem e Dick Tracy.

cultura de massa: produzida de forma industrial para um grande aglomerado de indivíduos.

indústria cultural: denominação proposta por Theodor Adorno, em 1947, para definir o momento do capitalismo em que a lógica industrial domina a cultura, como consequência da Revolução Industrial (urbanização, economia de mercado e formação da sociedade de consumo).

GALERIA DE ARTE 2



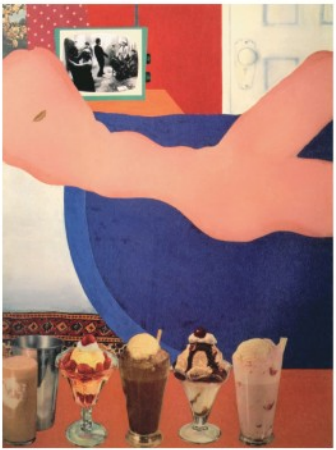
ROSENQUIST, James. *Estúdio para Marilyn*. 1962. 1 óleo sobre tela, color., 95,2 cm × 91,5 cm. Coleção particular.



LICHTENSTEIN, Roy. *No carro*. 1963. 1 magna sobre tela, color., 172 cm × 203,5 cm. Scottish National Gallery of Art, Edimburgo.



WARHOL, Andy. *Latas de sopa Campbell*. 1962. 1 óleo sobre tela (duas partes no mesmo quadro), color., 50,5 cm × 81 cm. Museum Abteiberg, Monchengladbach.



WESSELMANN, Tom. *Grande nu americano nº 27*. 1962. 1 esmalte e colagem sobre madeira, color., 122 cm × 91,4 cm. Mayor Gallery, Londres.



OLDENBURG, Claes. *Hambúrguer gigante*. 1962. 1 lona estampada com enchimento de espuma, color., 132 cm × 213 cm. Galeria de Arte de Ontário, Toronto.

PARE E REPARE

Escolha uma das obras da Galeria de arte. Observe as cores, as figuras, o tema e a técnica da obra. Depois, escreva um texto contando suas impressões e fazendo relações com o contexto cultural da época.

Pessoal.

ARTE NA PRÁTICA

Recorte imagens de revistas de celebridades, de anúncios de supermercado, de catálogos e de lojas e de histórias em quadrinhos antigas. Depois, experimente combinações e cole-as em uma folha à parte para criar sua própria releitura da Pop Art, pensando nas relações entre imagem e consumo nos dias de hoje.

Roy Lichtenstein 8

Pintor, escultor e artista gráfico nascido nos Estados Unidos, em 1923, Roy Lichtenstein dedicou-se, sobretudo, à Pop Art. Em seus trabalhos, utilizou a reprodução gráfica em cores vibrantes, com predomínio das cores azul, amarela e vermelha, trabalhadas em texturas, linhas e pontos, para criar uma linguagem visual racionalista e simplificada, misturando realidade com ilusão.

Os cartuns e as histórias em quadrinhos eram inspirações para suas representações. Lichtenstein também recriou obras de outros grandes mestres da pintura, por vezes de forma paródica.

Suas obras estão espalhadas por diversos países e receberam muitos prêmios. Em 1979, ele foi convidado a se tornar membro da Academia Americana de Artes e Letras, em Nova Iorque. Em 1995, ganhou a Medalha Nacional das Artes, em Washington.

Lichtenstein fez de sua obra uma crítica alegre, entrelaçando formas e cores do mundo moderno.



LICHTENSTEIN, Roy. *O beijo*. 1962. 1 óleo sobre tela, color., 203,2 cm × 172,7 cm. Coleção particular.

GALERIA DE ARTE

Lichtenstein: releitura de Van Gogh



VAN GOGH, Vincent. *Quarto em Arles*. 1889. 1 óleo sobre tela, color., 71 cm × 90 cm. Museu d'Orsay, Paris.



LICHTENSTEIN, Roy. *Quarto em Arles*. 1992. 1 óleo e magna sobre tela, color., 320 cm × 420 cm. Coleção particular.

ARTE NA PRÁTICA

Observe o espaço ao seu redor. Como você gostaria de retratar um ambiente de sua casa ou escola? Faça um esboço de um espaço que revele seu cotidiano. Tome como base as duas versões da obra *Quarto em Arles*, vistas anteriormente, e crie sua própria releitura. Utilize papel, lápis de desenho, de cor ou giz de cera.

Escola Bauhaus

A Staatliches Bauhaus é uma escola de arte, *design* e arquitetura que existiu na Alemanha, entre 1919 e 1933. Foi fundada por Walter Gropius, com a intenção de conciliar arte e engenharia. "Funcionalidade" era a palavra de ordem. Segundo essa ideia, a forma deveria ser determinada pela função prática do objeto e qualquer elemento supérfluo deveria ser eliminado.

A Bauhaus influenciou a obra de Lichtenstein e de muitos outros artistas de diferentes linguagens. Wassily Kandinsky, Lyonel Feininger, Paul Klee e Oskar Schlemmer, além do arquiteto Ludwig Mies van der Rohe, foram alguns dos principais representantes do pensamento da escola alemã.

Um dos objetivos principais da Bauhaus era fazer com que a revolução estética chegasse ao cotidiano das pessoas por meio dos processos de fabricação industrial, unindo arte, artesanato e tecnologia. Para isso, os artistas da Bauhaus redimensionaram a relação entre espaço, forma e cor, tendo o desenho de produto lugar de destaque na escola.



© Wikimedia Commons/News

O fim da Primeira Guerra Mundial, com a derrota da Alemanha em 1918, foi decisivo para a fundação da escola. Gropius foi o primeiro diretor, até 1927. Sua tarefa inicial era criar um estilo arquitetônico que refletisse uma nova época, além de bens de consumo funcionais, com custos reduzidos e produzíveis em massa. Hannes Meyer o sucedeu na direção da escola até 1929 e foi seguido por Ludwig Mies van der Rohe nos quatro anos finais.

Em 1925, a Escola Bauhaus se mudou de Weimar para Dessau, cidade alemã com um governo de esquerda. Sete anos depois, houve uma nova mudança, para Berlim. Em 1933, após uma série de perseguições, a Bauhaus foi fechada por ordem do governo de Hitler, que a considerava uma frente comunista por causa da quantidade de artistas russos que trabalhavam ou estudavam ali.

Além da arquitetura e do *design*, as artes plásticas e o teatro faziam parte do currículo da escola. O pintor, escultor, coreógrafo e cenógrafo Oskar Schlemmer direcionava suas investigações ao teatro, pesquisando a relação do corpo no espaço para pensar uma arquitetura do movimento. 5

Schlemmer propunha a construção de movimentos mecânicos, que colocassem em evidência a tensão entre o organismo e a máquina. Esse era um tema que havia ganhado força após a Revolução Industrial.

Havia em seu trabalho uma busca por superar o corpo humano de carne e osso em favor de um mecanismo numérico abstrato. Para isso, ele explorava as linhas, os planos e os volumes, tanto nos corpos quanto no palco, arquitetando uma "dança matemática". Uma de suas principais obras foi o *Balé Triádico*, de 1922.



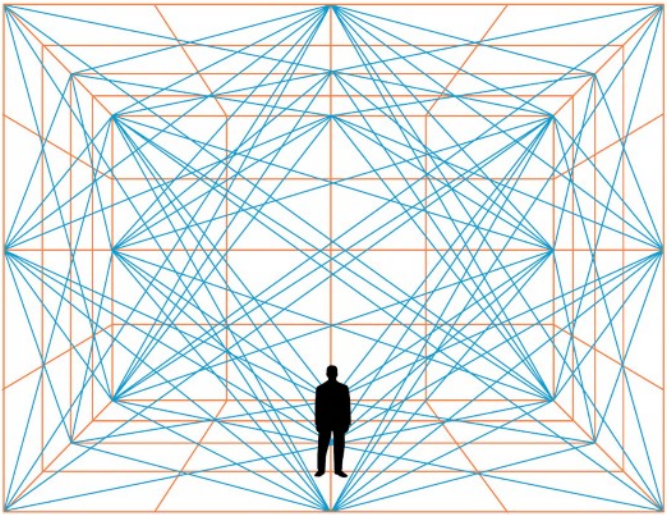
Entre julho e setembro de 1923, foi organizada uma exposição da Escola Bauhaus que atraiu 15 mil pessoas. O cartaz que anunciou o evento foi elaborado pelo então estudante Joost Schmidt, o qual utilizou técnicas de *design* consideradas uma grande inovação para a época.



Latinstock/Bauhaus-Archiv/VG Bild-Kunst

A abertura da exposição de 1923 contou com diversos eventos, entre os quais, a apresentação de palestras, filmes, concertos e do Balé triádico, de Oskar Schlemmer. Nessa imagem, o próprio Schlemmer pode ser observado no centro esquerdo da foto (roupa listrada), assim como a indumentária criada por ele para esse espetáculo.

Com base em sua pesquisa sobre a relação entre espaço e corpo humano, Oskar Schlemmer deu uma nova dimensão ao espaço cênico. Transformou-o em um lugar onde as formas e as cores estão em movimento. E o movimento dos corpos humanos cria espaços imaginários.



DIO Estúdio. 2014. Digital.

Desenho baseado no projeto de Oskar Schlemmer de 1924 que demonstra a delineação do espaço pelo corpo humano.

ARTE NA PRÁTICA

Com base no ambiente cotidiano que você retratou na atividade anterior, construa uma miniatura de cenário em forma de maquete. Você vai precisar de uma caixa de papelão, papéis e tecidos coloridos, cola e tesoura. Inspire-se em Lichtenstein para explorar materiais variados e usar pontos e riscos como recursos expressivos, criando novas releituras da Pop Art.

Andy Warhol [6]

Andy Warhol (1927-1987) é a principal referência da Pop Art. Seus trabalhos têm origem nas prateleiras dos supermercados, nas manchetes dos tabloides e nas imagens da comunicação de massa, sobretudo as de celebridades. Ele vivia em Nova Iorque, onde instalou um estúdio chamado The Factory (a fábrica).

Tal como a maioria dos artistas da Pop Art, Warhol começou sua carreira na publicidade, fazendo ilustrações para anúncios de sapatos. Mais tarde, pintou quadros com os super-heróis das histórias em quadrinhos, como Batman, Super-Homem e Dick Tracy.

Suas obras traziam ídolos do cinema, como Marilyn Monroe; da música popular, como Elvis Presley; e ícones de consumo alimentício, reproduzidos em série, como aqueles vistos nas prateleiras de um supermercado.

Entre esses ícones, as latas de sopa Campbell tornaram-se um dos mais emblemáticos na carreira do artista. Warhol retratou a marca inúmeras vezes durante sua vida - e dos modos mais variados. Em uma exposição da Stable Gallery, ele reuniu cem unidades da sopa. Em outra, apresentou um conjunto de latas destruídas (esmagadas, com rótulos rasgados, etc.), como se houvessem sofrido desastres. A sopa também recebeu o tratamento típico de pinturas religiosas, em outras ocasiões.



WARHOL, Andy. *Lata de sopa Campbell*. 1968. 1 acrílico e liquitex, serigrafia sobre tela, color., 91,5 cm × 61 cm. Coleção Ludwig, Neue Galerie, Aachen.

Garrafas de refrigerante e notas de dólar também viraram ícones de suas pinturas em série. A repetição era um recurso muito usado pelo artista e carregava uma carga simbólica de igualdade política: todas as cópias são iguais. Uma sopa Campbell não é melhor que a outra. Mas Warhol também criou repetições transformadoras, como a série de cinquenta rostos de Marilyn Monroe, cada um deles com variações de luz e cor.

Ao usar a técnica da serigrafia, Warhol favorecia a produção mecânica da imagem, em vez da produção manual. O objetivo dessa escolha era dar um tratamento impessoal às celebridades. O mesmo valia para as mercadorias da cultura popular. Escolhas como essa o transformaram em um dos artistas mais polêmicos da Pop Art.

À sua maneira, Warhol redefiniu a maneira de se pensar a Arte em seus fundamentos. Os valores que antes pareciam certos tiveram de ser rediscutidos. Um deles é a ideia do artista como alguém que tem um talento manual. Warhol pôs em xeque questões como originalidade e autoria. Essa é uma discussão que permanece intensa na arte contemporânea.

Música popular brasileira 7



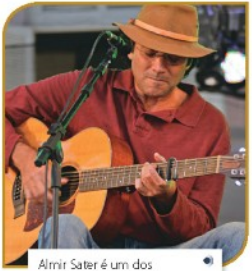
Paulinho da Viola e a Velha Guarda da Portela: tradição do **samba** de qualidade.



Renato Russo, do grupo Legião Urbana: a cultura *pop* influencia o ***rock*** brasileiro.



Chico Buarque une diversos gêneros (**valsa**, **samba**, **fado**, etc.) em suas composições, muitas delas com caráter poético.



Almir Sater é um dos grandes violeiros de nosso país, legítimo representante da **música caipira**.



Pixinguinha (sax), com Raul Parmieri (pandeiro) e Patapinho (flauta) são referência no **choro**.



Alceu Valença, Elba Ramalho e Geraldo Azevedo: o **xote**, o **baião**, o **forró**, o **galope** e muitos outros gêneros estão presentes nas músicas destes artistas.

A tendência *pop* também chegou à música, transformando as formas de compor e de ouvir. Com o surgimento das rádios e dos LPs (*long-plays*, os discos de vinil), os compositores e os intérpretes se popularizaram em diversos países, disseminando a música *pop*.

É preciso atenção redobrada a esses conceitos. Por mais que pareçam sinônimos, música *pop* e música popular não são a mesma coisa. A música *pop* nasce a partir do *rock'n'roll*, nos Estados Unidos, e circula o mundo, impulsionada pela indústria fonográfica. Faz parte da cultura de massa. É um produto industrial e chega a uma enorme quantidade de consumidores por intermédio dos grandes meios de comunicação.

Já a música popular é criada "pelo" povo, isto é, nasce dentro dos grupos sociais de modo mais artesanal, sem seguir os rígidos padrões industriais. No entanto, essas definições não são absolutas. Muitas vezes, é difícil aplicá-las às músicas ouvidas cotidianamente.

Formação

A música popular brasileira nasceu da fusão de tradições rítmicas indígenas e afrodescendentes, incluindo elementos melódicos portugueses e latinos, como uma mistura proveniente das várias culturas que formam o povo brasileiro.



BORGES, José Francisco. *Sem preconceito*. S.d. 1 xilogravura, preto e branco, 19 cm × 22 cm. Coleção particular.

A cultura europeia

Os portugueses contribuíram para a constituição da música popular brasileira com o elemento melódico expressivo, com as formas líricas, o canto popular, a modinha, o fado, o fandango do Ribatejo (que, por sua vez, sofreu influência da dança espanhola), as folias e os reisados.

Os italianos trouxeram as operetas do século XIX e a ópera; os argentinos, o tango; os estadunidenses, o *jazz*, o *rock* e a guitarra elétrica; os espanhóis, o fandango, o bolero, o sapateado e as castanholas. Sanfona, flauta, violino, viola, cavaquinho e pandeiro foram alguns dos instrumentos de origem europeia que chegaram ao Brasil.

A cultura indígena

Os indígenas contribuíram com ritmos variados, sons nasais, música vocal e danças folclóricas, como o cururu e o cateretê, além de instrumentos, como os maracás, alguns tipos de flautas, guizos, tambores e chocalhos.

A cultura africana

A contribuição da cultura africana se deu por meio dos ritmos do batuque e do lundu, e de danças como o maracatu, a congada e alguns passos do frevo (ritmo que tem como base a **polca** polonesa e a marcha). Entre os instrumentos, vieram o berimbau e o caxixi, usados na marcação rítmica da capoeira, além de cuíca, bongô, marimba de congada, reco-reco, agogô e outros.

polca: dança de casais comum em diversos países da Europa, que tinha como característica coreográfica um grande salto dos dançarinos no início de cada compasso.

As duas matrizes principais da música africana trazidas ao Brasil foram as civilizações conguesa (raiz do samba e de suas variedades) e iorubana (raiz da música religiosa e seus estilos derivados). Veja, abaixo, alguns dos instrumentos de origem indígena e africana.











Pesquisa 8



Reúnam-se em grupos e pesquisem, na internet ou em outras fontes, gravações em áudio ou vídeo de ritmos ou danças brasileiros que tenham se originado da miscigenação europeia, africana e indígena.

Apresentem o resultado da pesquisa aos colegas, se possível, usando instrumentos musicais.

Modinha 9

No final do século XIX e início do século XX, o lundu e a modinha eram considerados os gêneros populares da música brasileira. A modinha é uma composição musical suave, romântica e chorosa que surgiu no Brasil no século XVIII. Empregou-se o diminutivo para diferenciá-la da moda portuguesa, assemelhada à ópera italiana. Na década de 1770, a modinha foi apresentada na Corte de Lisboa pelo cantor e violeiro brasileiro Domingos Caldas Barbosa (1738-1800), um descendente de africanos que fez sucesso com versos satíricos e maliciosos.

No Brasil do início do século XIX, a modinha tornou-se o meio de expressão poético-musical do sentimento amoroso. Um de seus compositores foi Joaquim Manoel (da Câmara), um exímio violonista e cavaquinista que compôs peças, como "Se me desses um suspiro", "Desde o dia em que nasci" e "A melancolia". Também foram importantes os compositores Cândido José de Araújo Viana, conhecido como Marquês de Sapucaí; e Cândido Inácio da Silva, autor da modinha "Quando as glórias eu gozei", à qual o escritor Manuel Antônio de Almeida faz menção no romance *Memórias de um sargento de milícias*.

Já no fim do século XIX e início do XX, a modinha adquiriu nova forma, recriada por outros músicos e pelo gosto do povo. Adotou o compasso ternário (em três tempos), como na valsa. Assim, conquistou maior popularidade e tornou conta das ruas, na forma de serenatas tocadas à porta das namoradas depois do anoitecer.

No século XX, a modinha, aos poucos, foi sendo substituída pelo samba-canção, que assumiu o papel de expressar o sofrimento amoroso.

Lundu

O lundu é um ritmo, expresso em dança e canto, que chegou ao Brasil provavelmente trazido por escravizados bantos vindos principalmente de Angola na segunda metade do século XVIII.

A coreografia é marcada pela umbigada (encontro de umbigos de homens e mulheres) e teve influência espanhola, como os movimentos de braços para cima e um estalar de dedos, semelhante ao das castanholas.

Considera-se o lundu como a primeira forma musical de origem africana a ser aceita pelos brancos no Brasil. Ainda assim, a sensualidade dos movimentos causou polêmica, sendo considerada indecente no final do século XIX.



RUGENDAS, Johann Moritz. *Lundu*. 1835. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

Maxixe

O maxixe surgiu no fim do século XIX, também como uma dança marcada pela sensualidade. Isso ocorreu quando a polca deixou de ser executada somente ao piano, nos salões da corte e das altas classes cariocas, e passou a ser tocada por músicos populares dos conjuntos de choro – com violão, cavaquinho, flauta e outros instrumentos de sopro.

A coreografia do maxixe emprestava movimentos do lundu e do batuque. Porém, enquanto no lundu era formada uma roda na qual todos participavam dançando, batendo palmas ou cantando; no maxixe, todos os pares dançavam ao mesmo tempo. Tornou-se a forma musical preferida nos teatros de revista.

Choro 10

Por volta de 1870, surgiram no Rio de Janeiro os chorões. Eram instrumentistas populares que davam um **fraseado** abrasileirado aos ritmos de origem europeia e africana. O choro nasceu, portanto, não como um novo gênero musical, mas como uma forma diferente de tocar, no fim do século XIX, os ritmos já existentes, como a polca, a valsa, o tango, etc.

fraseado: habilidade de interpretar dando contorno às frases, ou seja, aos trechos definidos de uma melodia.

O flautista e compositor Antônio Callado foi um dos primeiros nomes de destaque no choro. Entre os pianistas, havia a compositora Chiquinha Gonzaga, que, em sua época, desafiou os preconceitos contra a mulher e Ernesto Nazareth, cuja música unia refinamento erudito a tendências populares.

No início do século XX, o choro se tornou um gênero musical independente. Piano, cavaquinho, violão, flauta e bandolim eram os instrumentos mais comuns.

Entre os compositores e intérpretes mais importantes do choro, podemos destacar Pixinguinha, Waldir Azevedo, Jacob do Bandolim e Altamiro Carrilho.



Acervo iconographia

Chiquinha Gonzaga, pianista e compositora

Pesquisa

Reúnam-se em grupos e pesquisem músicas de Chiquinha Gonzaga (como "Atraente") e de Ernesto Nazareth ("Odeon" e "Brejeiro", por exemplo). Depois, procurem a obra de músicos da geração atual de choro no Brasil, como Hamilton de Holanda, Yamandu Costa e Trio Madeira Brasil. Comentem as semelhanças e diferenças entre as obras.

CURIOSIDADE

No início de 1889, Chiquinha Gonzaga compôs a primeira canção carnavalesca brasileira, a marchinha "Ó Abre Alas":

Ó abre alas que eu quero passar, ó abre alas que eu quero passar.
Eu sou da lira não posso negar, eu sou da lira não posso negar.
Ó abre alas que eu quero passar, ó abre alas que eu quero passar.
Rosa de ouro é que vai ganhar, Rosa de ouro é que vai ganhar.

GONZAGA, Chiquinha. Abre alas. In: *Chiquinha Gonzaga* a maestrina. 1899. Curitiba: Revivendo Músicas, s. d. 1 CD (1 h 14 min 18 s). Digital, estéreo.

Teatro de revista



Acervo iconográfico

Companhia Walter Pinto de teatro de revista, em 1940.

O teatro de revista (ou apenas revista, como era chamado na época) nasceu nas barracas das feiras parisienses no início do século XVIII e se tornou popular no Brasil a partir do final do século XIX. É herdeiro das comédias e dos *vaudevilles*, do circo e do carnaval – e, mais diretamente, da *commedia dell'arte* e da comédia francesa.

O teatro de revista chegou a Portugal em 1851 e ao Brasil em 1859. Tinha a forma de espetáculos ligeiros, que comentavam os acontecimentos recentes da sociedade de modo satírico, recorrendo a caricaturas e paródias. Geralmente, uma história funcionava como fio condutor entre os diversos quadros teatrais e musicais. A apoteose encerrava a apresentação. Com o tempo, a unidade temática foi se tornando mais rara e a revista se aproximou do *show* de variedades.

Os elementos visuais também contribuíam para criar o clima alegre nas revistas, feitas para divertir o público, mas com teor de crítica política. A hipocrisia da sociedade era aludida por meio dos cenários fantasiosos e multicoloridos, que superdimensionavam a realidade, pelos figurinos exóticos e pelos tipos caricatos. Nos quadros, personagens populares como o malandro, o delegado de polícia, o matuto, a mulata, as donzelas e o funcionário público reviviam histórias pitorescas do cotidiano brasileiro.

A linguagem da revista se desenvolveu com o passar das décadas, até os anos de 1960, adquirindo características brasileiras. Musicalmente, foi influenciada primeiro por maxixes brejeiros e, mais tarde, por marchinhas e pelo samba.

Já no século XX, o teatro de revista consagrou a figura da vedete: atrizes-cantoras-bailarinas que eram as estrelas do *show*. Virginia Lane, Mara Rubia e Nélia Paula foram três das mais importantes vedetes brasileiras, conhecidas como a "Santíssima Trindade das Vedetes".

ARTE NA PRÁTICA

Se você fosse criar o roteiro para um teatro de revista, abordaria quais assuntos da atualidade? Pense nos acontecimentos recentes que gostaria de comentar com humor e crítica. Defina também as músicas que poderiam compor o espetáculo.

Coloque suas ideias no papel e descreva detalhadamente como seria a revista, incluindo a sinopse e os dados técnicos. Especifique as características do figurino e do cenário. Se preferir, desenhe-os.

Figurino

Cenário

O samba e o rádio [12]

Entre o fim do século XIX e o início do século XX, o samba passou a ser conhecido no Brasil. O gênero se desenvolveu no Rio de Janeiro por meio de encontros entre os músicos em festas familiares e ranchos (agrupamentos que originariam as escolas de samba). Pixinguinha, Donga, Sinhô e Heitor dos Prazeres foram alguns dos artistas que deram visibilidade ao gênero.


Carmen Miranda

Latin Music Archive Collection

O samba conquistou popularidade após a Revolução de 1930, com o crescimento das rádios, que o propagaram pelo território nacional. A primeira transmissão de rádio no Brasil havia acontecido no Rio de Janeiro, em 1922. Nas décadas seguintes, o meio de comunicação ganhou força e tornou-se uma forma de integração nacional, pois as mesmas notícias e o mesmo repertório musical eram ouvidos por homens e mulheres de todo o país.

Em 1936, foi criada a Rádio Nacional, que logo virou modelo de programação para as outras rádios e tornou famosos os artistas que lá se apresentavam. Durante a ditadura de Getúlio Vargas, no entanto, a Rádio Nacional passou a ser controlada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). O presidente a utilizava como instrumento político, para reforçar sua imagem como estadista e controlar as informações que circulavam pelo país.

As rádios se tornaram o principal centro de produção e difusão artística do país, cumprindo o papel antes desempenhado pelo teatro de revista. Essa época ficou conhecida como Era de Ouro e beneficiou as radionovelas e a publicidade. A música popular brasileira (MPB) também viveu uma fase áurea nesse período.

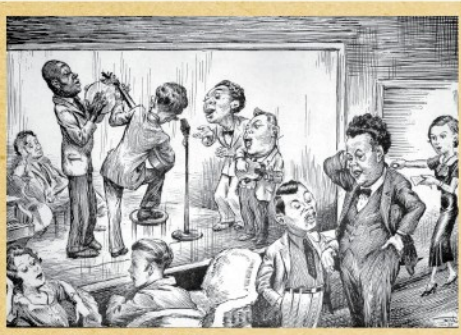
As rádios empregaram técnicos, instrumentistas, apresentadores e produtores. E fizeram brilhar as composições de Lamartine Babo, Noel Rosa, Ary Barroso, João de Barro (Braguinha), Assis Valente e Orestes Barbosa, nas vozes de Carmen Miranda, Mário Reis, Aurora Miranda, Sílvio Caldas, Almirante, Marília Batista e muitos outros cantores e compositores.


Acervo iconográfico

Programa de Ademar Casé, um dos pioneiros da rádio no Brasil, em 1932. Na foto, grandes nomes da música brasileira, como Donga (da esquerda para a direita, o terceiro sentado), Noel Rosa e Pixinguinha (da esquerda para a direita, na fila atrás dos que estão sentados, o segundo e o quinto, respectivamente).

O chefe da folia
Pelo telefone
Manda me avisar
Que com alegria
Não se questione
Para se brincar...

DINIZ, André. Almanaque do samba. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.



Acervo iconográfico

Ilustração de Seth. Programa de estúdio, 1935.

A música "Pelo telefone", de Donga (Ernesto dos Santos) e Mauro Silva, foi considerada o primeiro samba, ao ser gravado em 1917 pelo cantor Manuel Pedro dos Santos (1870-1944), conhecido como baiano. Porém, já nasceu cercada de polêmica: havia antes dela outras composições mais parecidas com o samba como é conhecido hoje. Além disso, sua autoria é discutível. É possível que Donga tenha se apropriado de uma composição coletiva que havia sido criada na casa da baiana Tia Ciata, onde frequentemente se reuniam os baianos e cariocas pioneiros do samba. "Pelo telefone" fazia uma sátira à relação da polícia com os jogos de azar.

Ainda que o samba não tenha surgido nos morros cariocas, foi lá que ele encontrou terreno fértil e deu origem às escolas de samba. O compositor João da Baiana, um sambista carioca muito conhecido, é quem afirma:

> E esse negócio de dizer que o samba nasceu no morro também não é realidade. O samba nasceu na cidade. Nós fugíamos da polícia e íamos para os morros fazer samba.
>
> FENERICK, José Adriano. *Nem do morro nem da cidade*: as transformações do samba e a indústria cultural (1920-1945). São Paulo: Annablume, 2005.

O samba de morro frequentemente reverenciava a malandragem. Uma de suas características mais marcantes era o forte acompanhamento com instrumentos de percussão.

Outros tipos de samba aos poucos ganharam espaço. O samba-canção predominou nas rádios trazendo uma melodia mais elaborada e andamento moderado, com letras sobre o amor e a desilusão, como "Ai, ioiô", de Luís Peixoto. Destacavam-se compositores e cantores como Herivelto Martins, Lupicínio Rodrigues, Mario Lago, Dorival Caymmi e Dalva de Oliveira.

Outros tipos de samba são o **samba de partido-alto**, **samba-enredo**, **samba de terreiro**, **samba de breque**, **samba de gafieira**, entre diversas variedades que demonstram a riqueza desse gênero musical.

Noel Rosa

Um dos sambistas mais expressivos da década de 1930 foi Noel Rosa. Nascido na classe média, no bairro de Vila Isabel, no Rio de Janeiro, ele conheceu o sucesso em uma carreira breve. Debilitado pela vida boêmia e por problemas de alimentação decorrentes de sequelas no queixo deixadas pelo parto a fórceps, ele morreu de tuberculose aos 27 anos.

Noel Rosa se destacou como poeta, em letras que tratavam o amor com comicidade, faziam críticas sociais e uma crônica de seu tempo. "Pierrô apaixonado" e "Com que roupa?", suas músicas mais conhecidas, fizeram sucesso em carnavais.

Outros sambas foram feitos em parcerias diversas. Por sua familiaridade com o morro da Mangueira, já que sempre ia ao local, compôs 19 parcerias com Ismael Silva. Também criou com Heitor dos Prazeres, Lamartine Babo, Francisco Alves. Com o paulista Vadico, fez "Feitiço da Vila", entre outras.

Araci de Almeida foi uma das principais intérpretes da obra do Poeta da Vila, como ficou conhecido Noel. Compositor que percorreu e cantou o Rio de Janeiro como poucos, contando histórias e retratando tipos. Até hoje, a qualidade de seus sambas sobrevive e aparece no repertório de novos cantores.

Samba de breque: expressão cunhada a partir da gravação de "Jogo proibido" (1936), de Moreira da Silva, o Kid Morangueira, com referência ao samba fortemente sincopado que emprega longas pausas chamadas breques, onde são inseridas frases faladas, declamadas, ou ainda comentários. Contudo, mesmo considerando Moreira o precursor do gênero, em 1933 Heitor dos Prazeres já interrompia a letra de *Eu choro* para inserir literalmente a frase: 'breque eu vou chorar'. O samba de breque foi definitivamente assimilado pela classe média carioca nos anos 1950, graças aos compositores Miguel Gustavo e Billy Blanco. [...]

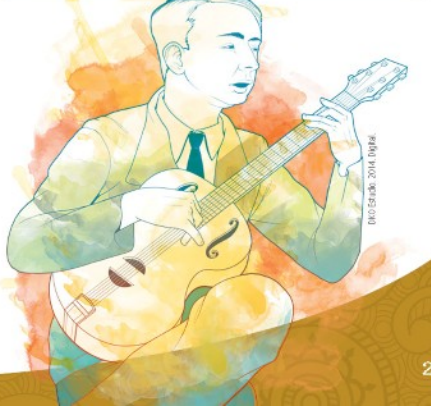
Samba de gafieira: Música de ritmos fortemente sincopados que acompanha dança de corpos colados, volteios e passos rápidos. Plena de sensualidade, surgiu no Rio de Janeiro nos anos 1940. [...]

Samba de partido-alto: gênero de samba intimista construído sobre uma estrutura harmônica simples que tem a letra frequentemente improvisada nas estrofes alternadas com um estribilho fixo. Teve origem no início do século XX e costuma ser acompanhado por violão, cavaquinho, pandeiro, surdo, agogô e outros instrumentos de percussão. É uma das formas mais antigas de samba e tem em Martinho da Vila e Beth Carvalho dois de seus maiores intérpretes. [...]

Samba de terreiro: samba cantado e improvisado jocosamente fora das rodas oficiais do carnaval de rua. [...]

Samba-enredo: música cantada pelas escolas de samba. Na verdade, é frequentemente uma marcha carnavalesca que exalta (daí a variante samba-exaltação) personagens e vultos da história e das artes, assim como acontecimentos marcantes do passado e do presente. Entre os sambas-enredos que marcaram época, Inconfidência Mineira (1949), de Mano Décio da Viola, Penteado e Estanislau Silva, um dos pioneiros do gênero, Chica da Silva, Peguei um ita no Norte, Heróis da liberdade, Carnaval de ilusões (1967), de Martinho da Vila, e Foi um rio que passou em minha vida, de Paulinho da Viola.

DOURADO, Henrique Autran. *Dicionário de termos e expressões da Música*. São Paulo: Ed. 34, 2008. p. 291-292.



Heitor dos Prazeres



PRAZERES, Heitor dos. *Pastora e dois sambistas*. 1963. 1 óleo sobre tela, color., 45 cm × 37 cm. Coleção Ary Ferreira de Macedo.

Artista plástico, músico e compositor, Heitor dos Prazeres nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1898.

Cresceu entre os redutos da Zona do Mangue e da Praça Onze e começou cedo a compor sambas. Frequentava a casa da baiana Tia Ciata e costumava reclamar de que seus maiores sucessos foram registrados em nome de outros compositores. Uma exceção é "Pierrô apaixonado", parceria com Noel Rosa. Em 1941, formou o Grupo Carioca, com Cartola e Paulo da Portela.

Foi reconhecido também como pintor de arte *naïf*, com quadros que retratavam o ambiente musical.

Atividade

Com a sala toda ou em pequenos grupos, escolham um samba de Noel Rosa para ouvir e analisar, respondendo às seguintes questões: Qual o contexto social e cultural revelado na letra? Como as pessoas são retratadas? Como são o ritmo e a melodia? Quais são os instrumentos musicais usados?

Depois, pesquisem uma gravação mais recente da mesma composição ou de outra de Noel Rosa. Comparem o arranjo e a interpretação dos músicos.

Enquanto o Brasil passava por transformações políticas e culturais, proliferavam variações do samba. Entre elas, o samba-exaltação era o subgênero adequado às ambições do presidente Getúlio Vargas durante o Estado Novo (1937-1945), por enaltecer o povo brasileiro, as riquezas naturais do país e ainda apresentar um final apoteótico, estimulando o sentimento **ufanista**. O principal exemplo é "Aquarela do Brasil", de Ary Barroso, composto em 1939.

ufanista: indivíduo com excesso de orgulho e otimismo nacionalista.

Aquarela do Brasil

Brasil, meu Brasil brasileiro
Meu mulato inzoneiro
Vou cantar-te nos meus versos
O Brasil, samba que dá
Bamboleio, que faz gingar [...]

BARROSO, Ary. Aquarela do Brasil. In: MASCARENHAS, Mário. *120 músicas favoritas para piano*. Rio de Janeiro: Irmãos Vitale, s.d.



IBGE Educa, 2014. Digital.

Ary Barroso

Ary Barroso nasceu em Ubá, interior de Minas Gerais. Teve um rígido aprendizado de piano. Ficou órfão cedo e foi morar no Rio de Janeiro aos 18 anos. Trabalhou no teatro de revista, nos cinemas e nas rádios, em diversas funções. Conhecido por sua personalidade forte, ele foi um crítico ferrenho e polemista da vida pública brasileira. Após o sucesso de "Aquarela do Brasil", que lhe abriu as portas da Walt Disney, nos Estados Unidos, Ary Barroso compôs outros sambas-exaltação célebres, como "Canta Brasil".

Pesquisa

Para conhecer mais detalhes sobre os primeiros anos das rádios e do samba no Brasil, reúnam-se em grupos e pesquisem a interferência do presidente Getúlio Vargas e do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) na difusão musical entre as décadas de 1930 e 1950. Com base nas informações obtidas, reflitam sobre as pressões sofridas pelos artistas. Quais problemas a censura causa à sociedade? Qual a importância da liberdade de expressão?

Catálogo do artista

Ídolo popular, Carmen Miranda nasceu em Portugal, mas adotou o Brasil como sua terra. Mais do que isso, ela se tornou o ícone da identidade brasileira, justo no momento em que o samba se elevou a símbolo da nacionalidade, impulsionado pela política do Estado Novo.

Para isso, contribuiu a imagem de baiana estilizada, com turbante e adereços coloridos, inventada para interpretar "O que é que a baiana tem", de Dorival Caymmi.



Zeo Estudio. 2014. Digital.

Carmen Miranda foi aos Estados Unidos representando o Brasil e lá participou de *shows* na Broadway e de programas de auditório em rádios. Os estadunidenses ficaram encantados com sua figura exótica e acrescentaram detalhes mais exagerados à fantasia de baiana. No retorno ao Brasil, ela encontrou um público indiferente à sua arte. Respondeu à frieza cantando a música "Disseram que eu voltei americanizada", uma de suas últimas gravações no país.

De volta aos Estados Unidos, Carmen tornou-se estrela de cinema em Hollywood e ficou marcada por personagens movidas por instintos e paixões. Novamente, a pequena notável contribuiu para propagar um sentimento de unificação territorial – desta vez, entre o norte e o sul do continente americano. Sua fama atendia a interesses do Departamento de Estado estadunidense, que desejava conquistar o apoio da América Latina durante a Segunda Guerra Mundial.

Atividade

A proposta, agora, é criar uma midiateca, ou seja, uma espécie de biblioteca de vídeos. Com o auxílio do professor, procure na internet ou em outras fontes gravações de Carmen Miranda. Busque, também, a animação *Aquarela do Brasil*, feita por Walt Disney para apresentar o personagem Zé Carioca, e outros registros semelhantes dessa época.

ARTE NA PRÁTICA

É a sua vez de compor um samba. Você pode fazer uma paródia de um samba conhecido ou escolher trechos de diferentes sambas e inventar uma nova composição, misturando e transformando letra e ritmo. Se preferir, comece a letra e a melodia do zero. Use instrumentos musicais e sua criatividade para fazer uma releitura do gênero.

Bossa Nova [13]

A Bossa Nova é um movimento musical que surgiu no fim da década de 1950, no Rio de Janeiro, mais especificamente em Copacabana e Ipanema, entre jovens de classe média que se reuniam em apartamentos e criaram um jeito intimista de cantar e tocar. Seu marco foi a música "Chega de saudade", parceria de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, à qual João Gilberto deu uma nova batida de violão.

O vozeirão dos cantores de rádio deu lugar a um canto suave e coloquial, no ritmo da fala, que se celebrizou na voz de João Gilberto e Nara Leão. Ao som de piano e violão, os cantores interpretavam canções sobre o cotidiano, as cidades, a natureza e outros temas leves, resumidos na máxima "o amor, o sorriso e a flor".

Por mais que bastasse "um banquinho e um violão", como se costumava dizer, a Bossa Nova se tornou o estilo musical brasileiro mais conhecido internacionalmente. O maestro Tom Jobim foi reverenciado no exterior e chegou a gravar com Frank Sinatra, entre outros grandes nomes do *jazz*.

Desafinado

Se você insiste em classificar
Meu comportamento de antimusical
Eu, mesmo mentindo, devo argumentar
Que isto é bossa nova, isto é muito natural [...]



Tom Jobim, Nara Leão, Vinicius de Moraes e João Gilberto foram os principais artistas da Bossa Nova, no final da década de 1950.

DINIZ, André. *Almanaque do samba*: a história do samba, o que ouvir, o que ler, onde curtir. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 159.

Rock e Jovem Guarda [14]

O *rock* é um estilo de música originado das tradições *rhythm & blues*, as quais expressavam a condição dos afrodescendentes estadunidenses que estavam à margem da sociedade. O gênero ganhou forma com a mistura de *blues*, *country* e *jazz*, e com a atitude de inconformismo da juventude a partir de 1950. Posteriormente, adquiriu diferentes aspectos e formatos no mundo todo, desde o *rock* tradicional até o *new wave* e o *punk*. O *rock*, portanto, é uma revolução no comportamento da juventude, que encontrou no estilo musical um modo de afirmar suas ideias, seus gostos e comportamentos.



Entre os compositores e intérpretes que marcaram a evolução desse gênero musical, destacaram-se, na década de 1950, Bill Halley, Jerry Lee Lewis, Johnny Cash, Elvis Presley, Chuck Berry e Little Richard.

Em 1960, o *rock* se espalhou definitivamente pelo mundo, representado por bandas como Beatles e Rolling Stones. A atitude roqueira respondia ao contexto conturbado da Guerra do Vietnã (1959-1975), integrando-se aos ideais da época, como o fortalecimento da **contracultura**, movimento que pregava a liberdade.

No Brasil, o *rock* explodiu a partir de 1955, quando a cantora Nora Ney gravou, em inglês, a música "Rock around the clock", de Max C. Freedman e Jimmy Knight – conhecida na voz de Bill Halley & His Comets, para a trilha sonora do filme *Sementes da violência*. O *rock* foi para o topo das paradas, mas foi nos anos de 1960, com a Jovem Guarda, que o estilo roqueiro se tornou moda, determinando até mesmo roupas e cortes de cabelo. Jovem Guarda era o nome de um programa exibido pela TV Record, a partir de 1965, apresentado por Wanderléa, Roberto e Erasmo Carlos. Nessa época, o *rock* era conhecido no país como "iê-iê-iê" (aportuguesamento da expressão "yeah, yeah, yeah"), por causa do refrão da música "She loves you", dos Beatles.

contracultura: movimento que rompeu padrões e valores vigentes, promovendo mudanças sociais e culturais.

Em meados da década de 1960, enquanto a Jovem Guarda crescia, a televisão começou a se popularizar e a influenciar o mercado musical. Nessa época, a TV Record passou a organizar festivais dedicados à promoção de outro gênero musical que despontava: a música popular brasileira, que unia elementos do samba, do *rock*, do *jazz*, dos ritmos nordestinos, entre outros. Esses eventos receberam o nome de Festivais de Música Popular Brasileira e foram responsáveis por lançar Milton Nascimento, Elis Regina, Chico Buarque de Hollanda, Caetano Veloso, Edu Lobo, entre outros, que se tornariam alguns dos mais importantes artistas da nossa música.

A partir dessa década, a sigla MPB passou a ser relacionada com uma postura artística, interessada em modernizar a música popular, fazendo a ponte entre ritmos regionais e produção globalizada.

DKO Estúdio. 2014. Digital.



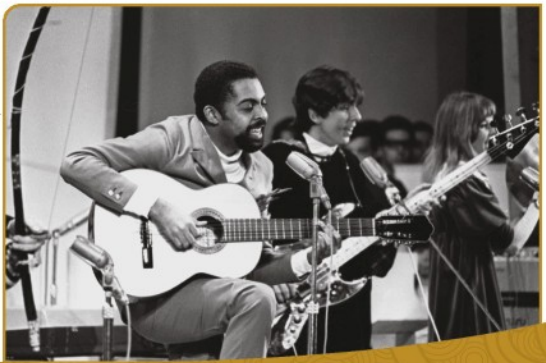
Tropicália [15]

No fim dos anos de 1960, surgiu em São Paulo o Tropicalismo (ou Tropicália). A Bossa Nova havia chamado a atenção dos jovens universitários na cidade de Salvador e alguns compositores baianos levaram essa herança até a capital paulista, onde tentaram "retomar a linha evolutiva" da música brasileira a partir de João Gilberto.

A ideia do movimento tropicalista, basicamente, era aproveitar as guitarras elétricas do *rock* estadunidense e inglês para dar novas formas à música brasileira. Caetano Veloso, com músicas como "Alegria, alegria", Gilberto Gil e o grupo Os Mutantes foram alguns dos principais nomes do Tropicalismo, juntando guitarra e ritmos regionais. Havia, nessa mistura, uma atitude de "devorar" a influência estrangeira, as inovações tecnológicas e as tradições, tudo na mesma criação musical. Com isso, a canção tropicalista ganhou formas mais livres e variadas, nas quais conviviam o nacional e o estrangeiro, o moderno e o brega, o popular e o erudito, o urbano e o rural.

Os anos de 1970 foram marcados pela repressão política. Mas isso não impediu que surgissem grandes músicos do *rock*, como Rita Lee (ex-vocalista de Os Mutantes, que assumiu carreira solo) e Raul Seixas.

Folha Press/Acervo UH/Claudio Mello



Gilberto Gil e Os Mutantes (Rita Lee, Sérgio e Arnaldo Batista) interpretam a música "Domingo no Parque" no 3º Festival de Música Popular Brasileira, de 1967.

OUTRAS HISTÓRIAS

Entre os anos de 1980 e 1990, influenciado pelo *punk*, *heavy metal* e *rock* progressivo, o *rock* brasileiro viveu um período de auge, marcado pelo festival de música Rock in Rio e pelo surgimento de bandas como Barão Vermelho (da qual Cazuza sairia para carreira solo), Paralamas do Sucesso, Legião Urbana, Titãs, Plebe Rude e Capital Inicial.

Atividade

Paradas de sucesso

Em sua opinião, que músicas do século XX merecem estar na paradas de sucesso? Faça sua seleção das melhores canções da música popular brasileira e liste-as. Comente criticamente suas escolhas.

As melhores	O porquê

Arte urbana e cultura *hip-hop* 16

O *hip-hop* nasceu nas ruas do bairro do Bronx, em Nova Iorque, Estados Unidos, nos anos de 1970, como um movimento cultural afrodescendente que buscava sua identidade na arte urbana, com forte discurso político de protesto. A cultura *hip-hop* abrange diversas linguagens: na música, o *rap*; nas artes visuais, o *graffiti*; e na dança, o *break*.

No Brasil, o *hip-hop* ganhou força a partir dos anos de 1980, em São Paulo, quando vários artistas passaram a usar a linguagem do *graffiti* como forma de intervenção estética na cidade.

Graffiti



F. Imagens/Pith

Graffiti em Curitiba

É difícil definir com precisão o nascimento do *graffiti*. Os romanos já costumavam deixar escritos nas paredes das cidades por eles conquistadas. As origens dessa forma de pintura podem ser apontadas ainda antes, nas inscrições feitas nas paredes das cavernas durante a Pré-História. Mas foi por volta dos anos de 1930, em Nova Iorque, que surgiu o que se convencionou chamar de "*graffiti* arte", ou seja, as marcas gráficas deixadas em espaços públicos, como edifícios e ônibus, por um autor, com sua assinatura.



© wikimedia Commons/Fernando Sosa

Movidos pela busca de novas formas de expressão no espaço urbano, os escritores de *graffiti* usam o *spray* ou outras tintas, giz e carimbos para registrar palavras e criar desenhos com diferentes graus de complexidade.

Por seu dinamismo, breve duração e profusão de cores, o *graffiti* é uma arte que reflete a experiência de se viver em uma cidade, atualmente. Do grotesco ao infantil, do humor reflexivo ao irônico, nos becos e muros, surgem obras provisórias que transformam as cores e formas da paisagem urbana.

O *graffiti* sofreu – e ainda sofre – preconceitos por seu caráter transgressor e pela dificuldade em se traçar um limite exato entre a pichação e a arte: os dois apresentam preocupações estéticas e há até mesmo escritores de *graffiti* que são também pichadores. Mas essa arte urbana tem conquistado espaços cada vez mais amplos nas ruas das cidades, nas galerias e nos museus. Entre os artistas escritores de *graffiti* de maior destaque no Brasil e no mundo estão a dupla de irmãos "Os Gêmeos", Otávio e Gustavo Pandolfo. Na imagem ao lado, uma obra de "Os Gêmeos".

Rap

O *rap* (*rhythm and poetry*, ou ritmo e poesia) é a expressão músico-verbal da cultura *hip-hop*. Teve início no fim dos anos de 1960, sob a influência jamaicana, também no bairro nova-iorquino do Bronx. Com a chegada de sistemas de som usados para mixar novas músicas, foi criado o "*scratch*", um modo de usar a agulha dos toca-discos no sentido contrário (anti-horário). Os cantores que improvisavam discursos rimados durante a música passaram a ser chamado de *rappers* ou MCs (mestres de cerimônia). Já o responsável por manipular o toca-discos é o DJ (*disc-jockey*).

O *rap* assumiu muitas formas, desde o ingênuo – em tom alegre –, e o político – com viés contestador –, até o "gangsta", que retrata a periferia como um mundo de violência e ostentação. Com o tempo, embora criticasse a mídia em seus discursos, conquistou espaço de divulgação nas rádios e redes de televisão. No Brasil, destacam-se artistas como MV Bill, Racionais MC, Criolo, entre outros.

ARTE NA PRÁTICA

Escolha um tema e componha um *rap*, sozinho ou em parceira com um colega. Use a improvisação como parte do processo criativo. Registre a letra no espaço a seguir.

Break

Breaking ou *break* é o estilo de dança de rua criado pelos jovens afrodescendentes e hispânicos de Nova Iorque, nos anos de 1970. A música utilizada para a dança varia entre o *pop*, o *hip-hop*, o *funk* ou combinações diversas desses ritmos.

Entre movimentos que lembram imagens em câmera lenta, gestos de combate e giros do corpo no ar ou no chão, a dança de rua exige força, flexibilidade e técnica.

Atualmente, o *break* adquiriu uma variedade de propostas e estilos, com passos e regras especializadas. Muitas delas se caracterizam pelo combate à violência nas ruas, pela conscientização do corpo e pela construção de uma identidade social.